

A INFLUÊNCIA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS E DOS RELATOS NA CONSTRUÇÃO DO ROMANCE *IRACEMA*

GILCEANE SOARES BATISTA

JACKELINE REBOUÇAS OLIVEIRA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES – UFRN

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar a influência dos textos históricos na construção do romance *Iracema*. Tais textos são considerados documentos oficiais que registram as primeiras impressões européias sobre o território brasileiro e os índios que aqui habitavam. Tal influência acaba estabelecendo entre esses diferentes tipos de textos (histórico e literário) uma relação de intertextualidade. Para explicar esse conceito, recorreremos ao dado por Koch (2006).

Portanto, relatos de viajantes europeus como Jean Léry, Fernão Cardim, Pero de Magalhães Gandavo e Pero Vaz de Caminha são apresentados como intertextos do romance *Iracema*, os quais podem ser resgatados na obra a partir da semelhança que apresentam no modo como descrevem os nativos, seus costumes e o ambiente.

Essa correspondência intertextual traduz o desejo de muitos escritores brasileiros do Romantismo, que buscavam resgatar as raízes do país no momento em que passava pelo processo de independência política. É nesse contexto que se encaixa o autor da obra que tomamos para estudo: José de Alencar.

Além da influência dos documentos escritos, o romance alencariano recebe também influência dos relatos orais. O autor canta as lendas de sua terra natal, eternizadas na memória coletiva de um povo, em particular o povo cearense, e materializadas na forma de livro: um livro cearense como afirma o próprio Alencar.

2 OS INTERTEXTOS DA OBRA *IRACEMA*

Os escritores românticos, influenciados pelos acontecimentos políticos da época, procuraram traduzir em suas obras o desejo de caracterizar o Brasil como uma

nação culturalmente independente. Dentre esses escritores, podemos destacar José de Alencar, cuja obra, *Iracema*, tomamos para estudo.

Como o Romantismo se caracteriza por ser um movimento literário voltado para o passado histórico, podemos então dizer que o romance *Iracema* apresenta traços de intertextos. Dentre esses intertextos, selecionamos os escritos por alguns cronistas como Jean e Léry, Fernão Cardim, Pero de Magalhães Gandavo e Pero Vaz de Caminha: os primeiros viajantes europeus que registraram suas impressões sobre a natureza e o homem brasileiro.

Ao observarmos a presença desses intertextos em *Iracema*, podemos então dizer que esse romance estabelece uma relação de intertextualidade com esses textos históricos, pois, segundo Koch (2006, p.145-146), “a intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”.

Essa intertextualidade implícita é percebida quando observamos o modo como Alencar descreve o ambiente paradisíaco, os nativos que aqui habitavam e os costumes indígenas. Dessa forma, ao lermos a obra *Viagem à terra do Brasil* de Jean de Léry, encontramos a seguinte descrição do Brasil:

Apesar de chegarem muitos a 120 anos (sabemos contar a idade pela lunação), poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra, sem geadas nem frios excessivos que perturbem o verdejar permanente dos campos e da vegetação. (LÉRY apud VOGT; LEMOS, 1982, sem indicação de página).

Alencar se apropria então dessas descrições para caracterizar os personagens, como podemos ver na figura do velho Araquém, pai de Iracema: “O ancião fumava à porta sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sopro a brisa carneava, como flocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos” (ALENCAR, 1999, p. 25). O autor resgata o cenário natural do Brasil, revelando que o clima, pôr ser tão bom e agradável, proporcionava aos nativos longos anos de vida e, apesar da idade, poucos eram os que tinham cabelos brancos.

Podemos destacar também os relatos Fernão Cardim sobre o clima brasileiro: “O clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados e salutíferos ares, onde os homens vivem muito até noventa, cem e mais anos, e a terra é cheia de velhos [...]” (CARDIM apud VOGT; LEMOS, 1982, sem indicação de página).

1982). É com essas informações referentes ao clima e a outros aspectos da natureza (como a flora e a fauna) que o autor monta o cenário paradisíaco onde se passa a narrativa idílica que une heróis pertencentes a dois mundos diferentes. Portanto, nas palavras de Silva Neto (2008, p.183):

“O romance lança âncoras no passado das lendas e dos relatos vários da história da colonização, cujos percursos narrativos tentam resgatar e pôr em relevo, cada um a seu modo, os grandes efeitos, mas também os tantos desventuras de europeus e indígenas, em seus encontros e

desencontros, ao longo do processo exploratório da terra brasileira [...].

Além dos textos de Fernão Cardim e Jean de Léry, a *Carta* de Caminha servia também como uma importante fonte para elaboração do romance de Alencar, pois quando lemos sua obra, notamos que a descrição física de Iracema assemelha-se a dos índios observados por Caminha: “ali andavam entre eles três ou quatro moças, muitos novas e muitos gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas [...]” (CAMINHA apud CASTRO, 1985 p. 106). Essas características estão presentes em Iracema, personagem símbolo do nacionalismo, que é apresentada como “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 1999, p. 21). Observamos então que Iracema é apresentada de forma idealizada, e o autor enfatiza ainda a integração e a perfeita harmonia entre a selvagem e o ambiente: “enquanto repousa, em pluma das penas do gará as flechas de seu arco: e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste. A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome [...]” (ALENCAR, 1999, p. 22).

Essa imagem de paraíso criada pelo autor, leva-nos a fazermos alusão ao mito do bom selvagem e é também uma forma de criticar os valores da sociedade burguesa da época, conforme afirma Silva Neto (2008, p.183), “[...] na estreita dos pressupostos da estética romântica, esse romance encontra aí um terreno propício para rever e criticar o ideário burguês do individualismo econômico de base européia, contrapondo-o, por intermédio do mito emplumado do “bom selvagem” brasileiro, com o despojamento das formas de vida social, em associação com os atributos da perfeição física e moral do americano primitivo. Portanto, podemos considerar a *Carta* de Caminha como um intertexto de *Iracema*, no qual Alencar soube explorar artisticamente os acontecimentos históricos para criar uma literatura tipicamente brasileira.

Um outro documento histórico também inserido na obra alencariana é o *Tratado da terra do Brasil*, de Pero de Magalhães Gandavo. As observações registradas nesse texto retratam a visão européia sobre os indígenas e seus costumes. Tais costumes aparecem no romance *Iracema* como forma de exaltação da cultura brasileira, tornando-a ainda mais legítima. Ao lermos o *Tratado* de Gandavo, encontramos o seguinte trecho, que retrata o comportamento das índias no momento em que iam parir: “todas as índias quando parem, a primeira coisa que fazem depois do parto, lavam-se todas em uma ribeira, e ficam tão bem dispostas, como se não pariram, e o mesmo fazem à criança que parem. Em lugar delas se deitam seus maridos na rede e assim os visitam e curam como se eles fossem as mesmas paridas” (GANDAVO apud VOGT; LEMOS, 1982, p. 27).

Retomando a obra de Alencar, verificamos que esse mesmo comportamento é adotado por Iracema na hora em que ela ia parir seu filho Moacir, conforme podemos observar:

Iracema sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma

de júbilo. A jovem mãe, orgulhosa de tantas venturas, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio (ALENCAR, 1999, p.122).

Como vimos, é possível fazermos uma leitura as obra *Iracema* recuperando os traços de intertextos. Essa relação de intertextualidade entre os escritos da história e a obra literária de Alencar traduz os anseios nacionalistas em criar uma literatura que fosse portadora da identidade brasileira.

3 A APROPRIAÇÃO DAS LENDAS PARA CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

IRACEMA

Como já dissemos anteriormente, *Iracema* pode ser lida como uma obra que estabelece correspondências intertextuais com alguns textos (considerados como históricos) escritos por viajantes europeus. Porém, além de observarmos esse aspecto, existe ainda um outro não menos merecedor de observação: o de que *Iracema* é um romance construído com base nas lendas que fazem parte do imaginário de um povo, como afirma o próprio Alencar no Prólogo do seu livro: “quem não pode ilustrar a terra natal, canta as suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos”(ALENCAR, 1999, p. 13).

Analisando a obra e a época em que foi escrita, torna-se difícil fazermos uma leitura de *Iracema* sem levar em consideração o Prólogo, o Posfácio e as notas do autor presentes no livro. E como se o próprio autor quisesse conduzir o leitor numa leitura pretendida por ele. É tanto que ele se insere no romance, logo no primeiro capítulo, esclarecendo que sua obra é “uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares”(ALENCAR, 1999, p. 20).

A partir dessa citação, retomamos a idéia de que *Iracema* é um romance construído com base na tradição oral. Esse resgate que o autor faz das lendas brasileiras deixa clara sua intenção em valorizar na obra o imaginário do povo, seus costumes e tradições. No “Argumento histórico” da obra, Alencar confirma essa idéia ao dizer que

Em primeiro lugar, a tradição oral é uma fonte importante da história, e às vezes a mais pura e verdadeira. Ora, na província de Ceará, em Sobral, não só se referiam entre gente do povo notícias do Camarão, como existia uma velha mulher que se dizia dele sobrinha. Essa tradição foi colhida por diversos escritores, entre eles o conspícuo autor da *Corografia brasileira* (ALENCAR, 1999, p. 17).

Dessa forma, podemos dizer que, ao incluir em sua obra personagens reais como o índio Poti (Felipe Camarão) e o guerreiro português Martim Soares Moreno, Alencar acaba dando bastante credibilidade à “lenda” do Ceará, já que essas personagens fizeram parte da história do Brasil no período da colonização.

É em meio a esse cenário que funde lendas e documentos históricos que Alencar encontra o tema para elaboração do seu romance. Porém, ele precisava ainda de um elemento próprio do Romantismo: a paixão idílica entre Iracema e o colonizador europeu Martim – personagens cujos contatos marcaram a formação de uma nova raça: a brasileira, resultante da miscigenação cultural. Esse ideário de literatura que inspirou o autor na construção do romance é revelado por ele mesmo ao escrever a *Carta ao Dr. Jaguaribe*:

Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéia de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra literária. Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a heróica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo: aí estava o tema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher. (ALENCAR, 1999, p. 141).

Esse perfume exalado na obra dilui-se em um tom sentimentalista típico do Romantismo, e somente um escritor como José de Alencar conseguiria reunir todos esses elementos em uma obra essa. Portanto, como comentam Abdala Junior e Campedelli (1990, p. 104), Alencar é “o maior ficcionista romântico brasileiro foi José de Alencar. Ele pretendia formar uma literatura autenticamente brasileira. Seu objetivo foi realizado, de certa forma. Sua obra de ficção, em conjunto, constitui o panorama histórico do Brasil: do mundo selvagem à miscigenação branco-índio [...]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, este estudo mostrou a correspondência intertextual que existe entre a obra *Iracema* do escritor José de Alencar e os documentos escritos de alguns estrangeiros que relatam as primeiras impressões sobre a terra recém-descoberta: a terra brasileira. Vimos então que muitas passagens encontradas na obra romântica, referentes ao ambiente, às personagens indígenas e seus costumes, fazem alusão ao modo como os cronistas do período do descobrimento percebiam a natureza e os índios brasileiros. Essa aproximação entre esses textos torna-se relevantes ao considerarmos o contexto histórico de produção da obra, que pode ser considerada como símbolo da identidade nacional. Além dos textos, destacamos também a apropriação das lendas, que Alencar incluiu em sua obra como de valorizar a tradição oral.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Yousses. *Tempos de literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Porto Alegre: L&MP, 1999.

CARDIM, Fernão. *Do clima e da terra do Brasil*. In: Cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982.

CASTRO, Silvío. *O descobrimento do Brasil: a carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&MP, 1985.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. In: Cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. In: Cronistas e viajantes/seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Carlos Vogt, José A. G. de Lemos. São Paulo: Abril, 1982.

SANTIAGO, Silvano. *Romances para estudo: Iracema de José de Alencar*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

SILVA NETO, João Gomes da. *Da carta de Caminha à Iracema de Alencar: buscas e caminhos de identidade brasileira*. In: Portugal-Brasil: memórias e imaginários. Congresso Luso-Brasileiro. Lisboa: Actas, 2000.